

O TRAÇADO DA AULA DE BALÉ

ENTREVISTA

QUE VALORES E SUBTEXTOS ESTÃO PRESENTES EM UMA SIMPLES AULA DE BALÉ? A PEDAGOGA ISABEL MARQUES JOGA LUZ SOBRE O TEMA

AMANDA QUEIRÓS >>> DA REDAÇÃO

O mês de dezembro é sinônimo de pauta lotada na sala principal do Theatro José de Alencar. Na programação, crianças e adolescentes sobem ao palco nos espetáculos de fim de ano das escolas e academias de dança da cidade. Toda a euforia do momento vale uma reflexão. Qual o papel da dança na formação infantil?

A pedagoga, coreógrafa e professora paulista Isabel Marques transformou a questão em objeto de estudos. Em Dançando na Escola (Ed. Cortez), ela faz um apanhado das possibilidades de instalação de um ensino crítico e transformador da dança no País. No início dos anos 90, Marques trabalhou com o pedagogo Paulo Freire na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo e ajudou a introduzir a dança no currículo escolar daquela cidade. Em 1997, foi convidada a redigir os Parâmetros Curriculares Nacionais da área de dança.

Na entrevista abaixo, Marques comenta os subtextos presentes nas diferentes técnicas de dança e resalta elementos nos quais os pais devem prestar atenção na hora de escolher a dança como atividade extracurricular do filho.

O POVO - Passados mais de dez anos da entrada da dança nos Parâmetros Curriculares Nacionais, o que mudou em relação à presença dela nas escolas?

Isabel Marques - Bem, acho que está mudando um pouco a conversa em torno do tema. Minhas alunas que procuram emprego em escola particular já têm abertura para falar sobre dança porque existe um documento dando suporte para o trabalho delas. Na realidade das escolas públicas de São Paulo, espalha-se uma consciência em relação à necessidade da dança e, principalmente, de formação dos professores. Sempre a escola particular é mais hermética a esse documento e as academias simplesmente ignoram.

OP - Uma das coisas que a senhora escreve no seu livro é a percepção de um grande retorno ao conservadorismo. Quando se pensa em uma aula de dança, pensa-se logo na enxurrada de cursos de balé clássico dentro das escolas. O que geraria essa onda para trás em um momento em que a sociedade vem se transformando tanto?



Isabel Marques, pedagoga e coreógrafa: o balé na escola

Isabel Marques - Essa é uma análise superampla. O (Gilberto) Gil e o (presidente) Lula já foram lá em Joinville (SC) louvar a Escola do Balé Bolshoi. Nós chamamos essa iniciativa de conservadora, mas eles acham que ela está sendo altamente inovadora pelo fato da população de baixa renda ter acesso ao balé. Acho que o conservadorismo está quando a gente faz uma análise dos subtextos do balé. O que ele ensina para a gente em relação a gênero? A classe social? A

hierarquia? A contanto e percepção do corpo? Quando você começa a listar isso, vê que essas posturas são altamente conservadoras. No balé você busca controlar o corpo, encaixá-lo em determinado molde, ter sempre a menininha de cor-de-rosa pura e assexuada... Por que as classes populares ficam tão felizes com a presença do balé? Porque elas acham que vão ascender socialmente. No bojo não só dos repertórios, mas da técnica do balé e do trabalho corporal,

Acho que o conservadorismo está quando a gente faz uma análise dos subtextos do balé. O que ele ensina para a gente em relação a gênero

existe essa idéia de classe muito forte.

OP - Pensar essa dança na escola entra também na questão-chave que é pensar "que dança é essa?". **Isabel Marques** - É. Ao longo de todos esses últimos anos, a proposta que coloco para a escola é trabalhar a linguagem e trabalhar os códigos como se fosse uma especialização. A idéia é que você não precisa trabalhar uma técnica codificada, não precisa fazer um passo de dança, mas precisa entender o que é um alongamento de pernas. O aprimoramento, a consciência, a organização corporal podem ser feitas via linguagem sem você precisar etiquetar em códigos. Você pode trabalhar equilíbrio sem ser da maneira da Bela Adormecida (referência a um balé de repertório). Para fazê-lo, você tem que se especializar, mas o conceito de equilíbrio pode ser trabalhado de outros jeitos até porque ele não é único. O que é perigoso é o balé entrar sempre como "a" grande técnica.

OP - Como trabalhar técnicas codificadas dentro de uma sala de aula de academia, para onde você já vai para supostamente virar um bailarino, numa perspectiva pedagogizante?

Isabel Marques - Acho que a gente tem que pensar em uma iniciação do profissional de dança em geral. Mesmo dentro de uma técnica codificada, existem questões como o quanto você explora o potencial criativo das crianças ou não. Grosso modo, professor de academia é aquele que entra como aluno, faz dez anos e começa a dar aula. O que essa pessoa sabe, na verdade, é uma pequena modalidade de dança. Ela não sabe pensar, não sabe ver dança. Eu aprendi balé prendendo o bumbum e não consigo levantar a perna até hoje por

EMAI

> Isabel Marques esteve em Fortaleza em setembro para ministrar um módulo do curso Dança e Pensamento, da Vila das Artes. Ela também deu aulas para um grupo de professores da rede municipal que vai tocar o projeto Dançando na Escola em vinte instituições públicas de ensino. A idéia é iniciar a formação de crianças de 7 a 11 anos na área da dança.

causa disso. A gente não entendia o corpo para dançar o balé. A gente entendia o balé e vestia aquilo. Acho que temos de compreender a linguagem e as estruturas que embasam o balé, por exemplo, para poder dialogar com o texto e o contexto dele. Se eu fizer isso, vou ter grande chance de compreender, mudar e articular esse contexto com meu contexto pessoal, que é o que interessa.

OP - Você fala de uma co-participação no processo de aprendizagem: 50% do professor, 50% do aluno. Pelo contato que tenho com professores de dança, me parece que esse processo também envolve muito a presença dos pais. Como a família entra nesse processo?

Isabel Marques - Em São Paulo, temos aulas em que os muito pequeninhos fazem aulas com os pais para enfatizar não só a relação dos dois, mas a dança nessa relação com o processo criativo. A partir do momento que o pai está fora da sala de aula, acho que existe mais o fato de conhecer os pais para entender a história da criança. Às vezes, também chego à família via criança. Teve uma escola que, no dia das mães, resolveu fazer uma homenagem em que as mães dançavam com as crianças. Foi muito legal porque elas puderam compreender no corpo a importância da dança. Muitas choraram de emoção. Esses são os sinais do corpo que aquilo está fazendo a diferença para a vida delas. O mais importante é isso, é estar no corpo, porque isso vai estar nas atitudes. É difícil pegar a técnica e transformar não em exercício, mas em arte. Muitas vezes, as aulas de técnica são somente uma preparação a dança. Acontece que elas têm que ser dança em si.

Acho que temos de compreender a linguagem e as estruturas que embasam o balé, por exemplo, para poder dialogar com o texto e o contexto dele